



TRABALHANDO COM IMAGENS – TRAJETÓRIAS (AUTO)BIOGRÁFICAS NA FORMAÇÃO CONTINUADA

WORKING WITH IMAGES - (AUTO) BIOGRAPHICAL PATH IN CONTINUED TRAINING

Mariana Magri Rodrigues

Universidade Federal de Goiás, Brasil
mariana.arvorez@gmail.com

Resumo

Este projeto é um ensaio que se desdobra de uma pesquisa de pós graduação no programa de Arte e Cultura Visual na Faculdade de Artes da UFG. Nele, será apresentada parte de uma pesquisa (auto)biográfica (PASSEGGI, 2010), que investiga subjetividade em imagens produzidas. E que, narra uma trajetória de formação continuada como artista visual que identifica valores culturais como direcionadores das produções. Ao fim, serão apresentadas duas imagens que são projetos gráficos elaborados para uma demanda específica de mercado durante meu trabalho como designer. A primeira imagem representa a identidade visual de um projeto de cultura – Encontro de Atores Criadores – que abarca o campo das Artes Cênicas. A outra, apresenta a identidade visual de um material de embalagem de produto para cosméticos. O objetivo de refletir a trajetória como artista visual de maneira (auto)biográfica (PASSEGGI, 2010), é identificar uma identidade oriunda do meio social e cultural de pertencimento. Que é direcionada para as produções visuais por símbolos e atribuições de poder que estão além de forma e conteúdo. E então pretendo exercitar o reposicionamento do olhar como *prossumidor* (CHARRÉU, 2016), – produtor e consumidor de imagens ao mesmo tempo. A partir do percurso de formação narrado e da leitura das imagens, questiono identidade, conceitos sociais, olhar, gênero e heranças hegemônicas recorrentes das estruturas e relacionamentos cotidianos aos quais pertencço. Posicionar então, as visualidades e as maneiras de ver, de criar e de ser visto como um intercâmbio entre elementos objetivos e subjetivos que nos afetam e direcionam pertencimento. Esse exercício será feito a partir dos estudos da cultura visual e seus questionamentos.

Palavras-chave: (auto)biografia; imagens gráficas; *prossumidor*; subjetividade.

Abstract

This project is an essay that unfolds from a postgraduate research in the program of Art and Visual Culture at the Arts Course at the federal University of Goiás. In it, part of an (auto) biographical research will be presented (PEGEGGI, 2010), which investigates the subjectivity in images produced. Which, narrates a trajectory of continuous formation as visual artist that identifies cultural values as drivers of the productions. At the end, I will present two images that are graphic designs, which were designed for a specific market demand during my work as a designer. The first image represents the visual identity of a cultural project - Encounter of Creative Actors - that encompasses the field of the Performing Arts. The other shows the visual identity of a cosmetic product packaging material. The objective of reflecting the trajectory as a visual artist in an (auto) biographical way (PEGEGGI, 2010), is to identify an identity originating from the social and cultural environment of belonging. Which is directed to the visual productions by way of symbols and attributions of power that are beyond form and content. And so I intend to exercise the repositioning of the gaze as a prosumer (CHARRÉU, 2016), - producer and consumer of images at the same time. Through narrated formation and the reading of the images, I question identity, social concepts, the gaze, gender and recurrent hegemonic inheritances of the everyday structures and relationships to which I belong. Positioning then, the visualities and the ways of seeing, of creating and of being seen as an interchange

between objective and subjective elements that affect us and direct belonging. This exercise will be done from the studies of the visual culture and its inquiries.

Keywords: (auto)biography; graphic images; *prossumidor*; subjectivity.

Desafiando meu olhar eurocêntrico

Este artigo pretende exercer o desafio de refletir valores culturais, sociais e simbólicos, considerando subjetividades ao produzir imagens. Para isso, me utilizo da escrita narrativa como escolha de linguagem e como processo de pesquisa. Ela fundamenta neste projeto a possibilidade que tenho de estabelecer vínculos reflexivos sobre posicionamentos em situações cotidianas no trabalho e na vida. Considero aqui que, estamos constantemente a nos autobiografar, logo, *narrar a própria vida é uma ação espontânea*, (PASSEGGI, 2010). É um desafio de (auto)biografar uma trajetória de relacionamento direto e mutável com uma produção pessoal e participativa de imagens. Através deste percurso pretendo não apenas responder, mas problematizar ainda mais, questões que vieram surgindo no trabalho cotidiano que desenvolvo.

Irei percorrer alguns caminhos (auto)biográficos (PASSEGGI, 2010) de formação como artista visual e diretora de arte. Acredito que estes percursos me levaram a elaborar mais a frente imagens com valores e símbolos determinados, pois representaram minha construção como indivíduo social e cultural.

Então, apresentarei duas imagens selecionadas de projetos gráficos que realizei com outros parceiros em uma dinâmica de mercado contemporâneo. A partir desta seleção, realizo o exercício de responder e problematizar questões que vieram surgindo em meu trabalho cotidiano como designer gráfico. Elas permeiam um diálogo entre produzir imagens de consumo com uma herança modernista acadêmica – em que forma e conteúdo ditam o fluxo da criação – e problematizar valores subjetivos do olhar e das bagagens de vida dos próprios produtores visuais. Para isso, questiono o meu olhar sobre estas imagens selecionadas. O objeto ainda da pesquisa vem do desejo de me conhecer como produtora e consumidora de imagens – uma *prossumidor* como sugere o pesquisador em Arte e Cultura Visual, Leonardo Charréu (2016). É a partir dos estudos da Cultura Visual, como campo de investigação e *como arena aberta de combate* (MARTINS, 2016) que estabeleço o ponto de vista crítico deste trabalho. O desejo na pesquisa (auto)biográfica para responder às perspectivas deste projeto como *prossumidor*, segue o percurso de superar uma concepção fragmentada do ser humano (PASSEGGI, 2010).

As pesquisas são guiadas pelo *desejo* de considerar o que a pessoa pensa sobre ela e sobre o mundo, como ela dá sentido às suas ações e toma consciência de sua historicidade. O respeito ao sujeito como *agente e paciente* das interações sociais permite afirmar que esta postura em pesquisa, alinha-se a uma mirada biopolítica do humano e exige, do pesquisador e do formador, a mesma postura ética (PASSEGGI, p. 113, 2010).

A partir do ano de 2010 venho me estabelecendo no mercado de trabalho com criação e direção de imagens gráficas. Como profissional liberal, junto a um sócio (Artur Oliveira Reis) e outros parceiros(as) – desenhistas e artistas – produzo marcas, embalagens de produtos alimentícios e de cosméticos e identidades visuais para projetos culturais. Neste fluxo de produções constantes e que segue uma dinâmica muito rápida de mercado contemporâneo, começaram a surgir alguns questionamentos e problemáticas internas. Estas, partiram de um desejo de questionar valores nas imagens produzidas e buscar então, identidade. Encontro então nos estudos da Cultura Visual, (MARTINS, 2016) a possibilidade de poder questionar-me como produtora deste campo de produção visual e de compreender um pouco melhor o olhar que estabeleço como ator e agente de pesquisa *prosumidor* (CHARRÉU, 2016), que produz e consome sem espaços de divergência.

É nesse quadro que surge um novo ator social que deixa de depender de muitos dos fatores externos para se dar a conhecer, emergindo nele, uma nova figura tão instigante quanto desafiante. Referimo-nos ao prosumidor (nos textos anglo-saxônicos surge como *prosumer*) termo lançado por Alvin Toffler (1984) e que significa uma junção de produtor com consumidor (CHARRÉU, 2016, p. 277).

De acordo com Leonardo Charréu (2016), o *prosumidor*, este indivíduo moderno que percorre espaços em um cenário de economia mundial e de globalização da informação, representa um novo ator nas interações culturais. “Sabemos que seu papel tem sido poderoso, pela força que as redes sociais na internet hoje têm, e pelas dinâmicas que implementam na marcação das agências diárias, (CHARRÉU, pág. 278, 2016).

Da casa para o mundo - O seu olhar no meu

Meu percurso de retorno às imagens e à arte em minha trajetória se iniciam em fases anteriores à minha formação como artista visual. O primeiro contato mais íntimo que me lembro com o universo das imagens foi com as telas de meu pai.

Imagens estas que inicialmente representavam a cultura gaúcha, o chimarrão e a virilidade dos cavalos que correm nos pampas. Representavam uma tradição muito referente e de herança de um patriarcado europeu e um olhar colonizador. O que não se distancia das telas de pintura que foram feitas por ele ao chegarmos no estado de Goiás. A mudança que fizemos de Porto Alegre – RS para Goiânia – Go em 1996, reverberou-se nas formas, cores e contornos das imagens de meu pai. Mas não tiveram influência na raiz do pensamento do homem cultural. Ainda assim, a cultura retratada por novas técnicas de imagens, trazia um universo em que a mulher era representada na forma, traços e curvas, e a figura masculina, como a determinante do conteúdo. Eu me intrigava com as imagens, e não sabia porquê.

Comecei com o tempo a explorar os livros de arte do artista de minha casa. Neles, sempre nomes de “grandes” pintores da História da Arte (que se manifestava como mundial,



porém, somente muito tempo depois, descobri que era apenas História da Arte Europeia). Neles, contornos e formas, longos textos de curadores de arte sobre imagens, estilos e contextos. Sobre a pureza da tradição da arte e sobre o artista que não era correspondido pelo meio. Ainda assim, esse artista, tinha seu gênero e sua cor de pele e através deles, ficou para história. Sem que eu entendesse com consciência, me parecia que eu não poderia me encaixar nesse universo que me encantava. Pois para mim, nesta história, não cabia o “dom”, afinal, ele já fora concedido pela História da Arte para o homem branco. Para mim, caberia um intercâmbio entre a apreciação e ser apreciada, apenas. E então, fui percorrendo outros caminhos no universo das artes e das imagens tentando encontrar campos na qual eu pudesse me comunicar um pouco mais.

Produções Culturais - Teatro em cena

Conduzida pela vontade de me aproximar do campo da arte e compreendendo que os eventos culturais de teatro e cinema me eram de valor nesta busca, comecei a participar de algum deles, com o impulso de imergir ainda mais nesta formação continuada com o campo das visualidades.

Em 2008 e 2009 ocorria com sede principal no Teatro Goiânia, no centro da cidade, o Festival Goiânia em Cena – Festival Internacional de Artes Cênicas. Na época, era o principal festival das Artes Cênicas de Goiânia. Um evento realizado pela Secretaria Municipal da Cultura de Goiás, em parceria com a Universidade Federal de Goiás, contando com patrocínio CAIXA e FUNARTE e apoio AGEPEL. Festival de Artes Cênicas que promove a aproximação das três linguagens cênicas, o teatro, a dança e o circo, proporcionando uma visão panorâmica da produção das artes cênicas em âmbito regional e nacional.

Iniciei uma nova jornada de visualidades participando da produção deste evento de teatro em ambas as edições. Como parte da equipe de produção, acompanhei os bastidores formativos do evento. Atenta aos interlocutores lúdicos e aos cenários diversificados, estava mais uma vez, observando imagens que se intercambiavam entre o que poderia ser visto em cena, e o fazer artístico que estava oculto nas produções de representação em palco. Acompanhei o trabalho de artistas em seus desafios de construir e compartilhar pensamentos sobre suas histórias construídas com corpo e cenário.

Muitas delas, tinham como objetivo questionar e problematizar questões sociais, de classe e gênero que fazem parte de nosso cotidiano e muitas vezes são veladas. Temas como: a posição da mulher na tradição de herança ocidental, discriminações de etnia e questionamentos diante da imagem que culturalmente disseminamos sobre o corpo e sexualidade foram abordados nas duas edições do evento. Algumas peças tinham em suas sinopses argumentações da vida cotidiana e de seus desafios. Outras, a possibilidade de despertar cada vez mais o lúdico e a imaginação no público.

Desta experiência carreguei bagagens que aos poucos foram delineando um pouco mais minhas escolhas estéticas e, lugares de atuação na vida. E ainda uma visão geral dos agentes em cena e uma continuidade da construção de minhas próprias visualidades no cenário de subjetividades.

Pequena história com a fotografia

Quem observar os movimentos de um fotógrafo munido de aparelho (ou de um aparelho munido de fotógrafo) estará observando um movimento de caça. O antiquíssimo gesto de um caçador paleolítico que persegue a caça na tundra. Com a diferença de que o fotógrafo não se movimenta em pradaria aberta, mas na floresta densa da cultura (FLUSSER, p. 43, 2011).

No ano de 2008 eu não apenas me lancei aos bastidores dos palcos de teatro, mas também, comecei um movimento buscador do ambiente de caça da fotografia. Começou ainda com o teatro. Olhei atentamente em alguns momentos para os fotógrafos que, de maneira muito silenciosa, atuavam nos espetáculos. Homens e mulheres de preto, discretos em seus trajes e ameaçadores em seus grandes equipamentos. Espreitavam as cenas, os movimentos, as luzes, percorriam os palcos em passos minuciosamente largos, para que não perdessem o instante da cena. Regiam sua própria orquestra, formada por uma diversidade inconstante de cliques e de construção de imagens. Eles também eram atores. Aqueles não aplaudidos, mas que também regiam os aplausos ao registrarem a relação entre plateia e palco. Registravam uma narrativa, e seus olhares seriam em algum momento, também colonizadores. Pois suas imagens contariam a história do evento. Senti um afã em direção à fotografia, que se tornou decisivo nesta trajetória de imagens visuais. Comecei então, a estabelecer minha relação com a câmera fotográfica. Um aparelho mágico e lúdico, que não me parecia apenas captar o que o olhar via, mais trazer uma surpresa para este olhar - o recorte de tempo. A mente e o pensamento me parecem constantes, o clique da máquina fotográfica, não. Então, ele faz uma certa pausa, para que a mente possa ver uma daquelas imagens recorrentes em suas inconstâncias e velocidades.

Ainda seguindo a caça com Flusser (2011, p. 43) - a selva consiste de objetos culturais, portanto de objetos que contém intensões determinadas. Minhas primeiras selvas foram as ruas da cidade de Goiânia e de outras que visitei no nordeste e sul do Brasil. Procurando nesses lugares algo que representasse seus cotidianos. A diversidade cultural das pessoas que habitavam estas ruas e as formas em suas arquiteturas mais antigas. Para conhecer melhor o ato fotográfico iniciei um curso de fotografia básica com a professora Cidinha Torres na Canopus Escola de Fotografia.

Não apenas fotografei com a professora Cidinha Torres, mas também acompanhei por alguns meses seu trabalho na escola Canopus. E com isso, pude participar com ela da organização de exposições de fotografia de alunos dos cursos de formação. Ocorriam geralmente no espaço ao

ar livre do Museu de Arte de Goiânia, no Parque Bosque dos Buritis. Foi nessa época que tive contato com alguns nomes tradicionais da fotografia no Brasil e no mundo (ocidental, considerando que, nossa trajetória com as imagens é de hegemonia da herança europeia). Mais uma vez eu me deparava com um acervo artístico, só que agora fotográfico, de homens brancos, europeus - ou de descendência - fazendo história no campo das imagens. Me perguntava: Onde estão as mulheres? Encontrava nas imagens fotografadas, nas silhuetas, nas faces, nas facetas.

Estas trajetórias, estes confrontos com as imagens e estas vivências, me lançaram a vivenciar uma imersão mais complexa e experiencial com a produção e pesquisa de imagens. Foi quando ingressei no curso de Artes Visuais Licenciatura na Universidade Federal de Goiás. E obtive o primeiro contato com a Cultura Visual. Que passou não a responder questionamentos antigos, mas a problematizar e dar campo de conscientização e esclarecimento para as perspectivas que trazia comigo sobre Arte e sua História.

Com o conhecimento dos estudos da Cultura Visual pude então percorrer processos com imagens que posicionavam a relevância do ver como ato social, de estabelecer reflexões sobre visualidades e histórias de vida. Considerar que, minhas escolhas por imagens e por elementos que constroem estas, são também oriundas das maneiras como me posiciono em meu contexto cultural. O discurso da criação que então estava apenas fixo em forma e conteúdo, o que é uma herança modernista da produção visual ocidental em projetos de design gráfico, ganhou em mim, o desafio de navegar por itinerários de formação de vida, buscando subjetividades. Este desafio de narrar em próximos tópicos alguns projetos gráficos selecionados, é uma possibilidade de questionar meu próprio olhar sobre eles – uma construção sociocultural da visão, (MARTINS, 2016).

Me posiciono no campo de pesquisa contemporânea em que, eixos se intercambiam e geram melhores reflexões. Afinal, as imagens não correspondem a questões estéticas, mas também, culturais, sociais, políticas, objetivas e subjetivas.

Imagens Produzidas - Um exercício de memória e imaginação

Apresento neste item duas imagens de projetos gráficos que selecionei para a pesquisa de mestrado da qual este artigo se desdobra. Nelas, procuro posicionar alguns questionamentos e visões de identidade que se reverberam de reflexões reconhecidas nos itens anteriores deste artigo. Na pesquisa que desenvolvo no programa de pós-graduação em Arte e Cultura Visual, os questionamentos e condições de se pensar as subjetividades nas imagens produzidas, não se estabelecerão somente com a perspectiva do meu olhar. Um trabalho de campo está sendo desenvolvido, onde questiono com demais produtores de imagens os anseios da pesquisa, compartilhando então, suas visões sobre as hegemonias das visualidades.

Um corpo que cai

Em 2013, o grupo de Teatro de Goiânia, Grupo Sonhus, lançou um edital com o Prêmio Bienal para o Design Gráfico 2013. Um concurso direcionado para artistas e designers enviarem possíveis propostas para a construção da identidade visual da Bienal do Teatro Físico – 8º Encontro de Atores Criadores. O evento teve como temática: a mímica, o clown e o oriental. Este festival foi fruto de um outro edital de Lei de Incentivo à Cultura, aberto pela Secretaria da Cultura de Goiás - Lei Goyazes. Todo o projeto enviado e aprovado pela Lei foi elaborado pelo Grupo Sonhus. O Grupo então, com a proposta de trazer à elaboração do festival, parceiros e demais artistas que não fossem apenas do teatro, lança o prêmio para escolherem quem faria o cartaz do evento. No edital haviam normas e critérios a serem seguidos que correspondessem à temática do evento. Ainda uma série de observações e conduções estéticas foram direcionadas para a elaboração da imagem que representaria a divulgação do festival.

Os critérios da avaliação propostos no edital foram: *adequação à metas e conceitos de comunicação exigidos para o projeto; adequação da linguagem dirigida ao público-alvo; viabilidade técnica; originalidade e ineditismo; adequação com os padrões de apresentação exigidos pelo regulamento.*

Estes critérios seriam avaliados pela própria equipe do Grupo Sonhus, composta na época por quatro integrantes, todos artistas de teatro, organizadores da Bienal. Seus olhares seriam os determinantes da avaliação. Nestes critérios de seleção, já é possível que analisemos alguns aspectos que conduzem esta pesquisa no ponto de vista mais crítico com a estética. Uma vez que, questões subjetivas como *originalidade e ineditismo* são culturais, assim como a própria visão dos artistas do sistema de seleção. Consideremos então que, as imagens produzidas e selecionadas no projeto tiveram olhares específicos e bagagens dos produtores e dos integrantes do Grupo Sonhus. E que sua aplicabilidade como comunicação com o público, já vêm desta leitura que é pessoal e subjetiva também. Entrando em contato com o edital, eu e outro designer parceiro, Artur Reis – formado na escola Técnica de Design Gráfico – SENAC/GO, resolvemos concorrer ao prêmio, elaborando juntos uma proposta visual que atendesse às exigências proposta de comunicação do evento.



Figura 1: cartaz Bienal do Teatro Físico, 2013.
Fonte: arquivo da autora.

A construção da imagem partiu da ideia do corpo como performance, como eixo de condução do olhar na comunicação do evento. Trabalhamos a elaboração do cartaz que apresento na figura 5. O escopo inicial dela é uma fotografia de teatro da peça: Travessia II de 2009 do próprio Grupo Sonhus. O homem ao centro do cartaz, veio de um recorte desta fotografia que eu mesma havia realizado da peça.

A escolha pela apropriação da fotografia considera que a temática do evento tinha um enfoque específico em atores criadores e no corpo como temática. E que, grande parte das peças teatrais do evento seria pelo uso da linguagem mímica e da performance corporal. O corpo que se apoiava no chão na imagem inicial ganha então expressividade de maior movimento quando recortado e solto no espaço de fundo branco do cartaz – um espaço infinito. Considerando as bagagens estéticas de minha formação continuada com as imagens, que representa um contexto social, político e cultural, é possível ainda levantar algumas questões mais complexas de identidade. O primeiro seria que, mesmo o corpo do ator em cena, sendo do próprio artista, não posso deixar de observar que sua pele masculina é de uma herança de hegemonia branca. Que pareceu em contextos de estética europeia, em perfeita harmonia com as manchas em tons amarelados que se elaboram como ouro.

A própria definição da preciosidade dos tons de ouro, nos questionam vias de tradições não apenas do mineral precioso, mas também, de contextos de exploração e trabalho escravo, que mantiveram distribuições de classe bem precisas no contexto nacional. A escolha pelas cores verde e amarelo me justificaram na produção, uma conexão direta com a nacionalidade do país que ofereceu o evento – o meu país. Mas hoje, me questiono, também se da forma como foram trabalhadas, apenas não reforçaram um cartaz lúdico, de hegemonia branca, do corpo masculino e da limpeza e clareza de um país que busca muitas vezes identidade em unidades e não em sua diversidade cultural.

Existe um ato político nas escolhas de imagens que produzimos, pois elas, a todo o momento podem ou não reforçarem uma trajetória estética da exclusão e da dissociação. Não considero aqui, a definição de que imagens devem ou não serem repercutidas em meios de comunicação diversificados. Mas sim, uma provocação de que, nossos olhares e discursos sobre o belo e o harmônico são oriundos de uma herança cultural específica de pertencimento histórico. Então, considero preciso que, como artistas, designers e comunicadores visuais, façamos leituras de nossas próprias imagens, considerando seus aspectos de herança. Identidades que possam reforçar discriminações raciais, de gênero e de lugar de fala.

Visão de gênero

O projeto seguinte pode nos levar para discussões um pouco mais reflexivas sobre a herança histórica referente às visualidades de gênero do contexto que pertencemos.



Figura 2: projeto gráfico NÓS2, 2015.

Fonte: arquivo da autora.

A figura 2 demonstra a imagem de um projeto de embalagem elaborado por mim e Artur Reis – designer. Para sua execução, participamos de encontros com uma equipe de marketing da indústria de cosméticos BIOCAP que se localiza na cidade de Trindade em Goiás. Segundo esta equipe, a indústria possuía um produto que tinha uma boa expressividade e aceitação no mercado – um sabonete íntimo feminino. Eles tinham o intuito de lançar também, um sabonete íntimo masculino, mas tinham medo de não ser um produto bem aceito. Então, a equipe propôs um kit teste que seria, a elaboração de uma embalagem (modelo caixa) que tivesse dentro o sabonete íntimo feminino – produto consolidado – e o sabonete masculino para teste.

A ideia do kit veio de uma pesquisa que esta equipe de marketing havia feito e percebeu que o público feminino é em maior parte ainda, o que consome cosmético com mais expressividade, apesar de isto estar se alterando cada vez mais. E nesta pesquisa constataram também, que as *mulheres vão ao mercado e compram também produtos para os homens*. A partir destes dados foi referido o seguinte acordo para a elaboração do projeto visual: A embalagem kit tem de ser para se comunicar diretamente com o público feminino que irá comprar um sabonete íntimo para si, e leva junto ao para o companheiro. Desta referência surgiu o nome NÓS2 para o projeto. E a partir deste nome, alguns direcionamentos que segundo nosso olhar de herança ocidental guiaram o projeto. Primeiro passo foi definir que uma ilustração, referiria a aproximação com o público e certa ludicidade. Vieram então as formas para esta ilustração – linhas fluídicas, leves e delicadas – que representariam a visão da mulher como frágil e delicada. Logo o posicionamento dos elementos desta imagem que se definem na presença masculina mais ativa (vetor) e a feminina mais entregue. Representando ideais padrão de beleza e gênero, e ainda, considerando que, se o público-alvo é feminino, a imagem inconscientemente diz: que este é o padrão visual que as mulheres de nossa localidade buscam seguir.

Novamente os sujeitos têm suas peles claras, brancas, cabelos soltos e que se aproximam para o dourado. E as cores predominantes do projeto são quentes e rosadas, expressividades do histórico feminino dos contos de fada, da indústria cinematográfica e do ideal de beleza. Este é um projeto encomendado. Mas que teve suas possibilidades de escolha. Escolhemos manter o padrão de elementos visuais, considerando que então, isso reverberaria no sucesso do produto. Como os olhares são hegemônicos na nossa tradição de ver imagens da arte europeia, da indústria de Hollywood e das novelas brasileiras, o projeto foi imediatamente aceito pela equipe de marketing considerando sua comunicação direta com o público feminino. Hoje me pergunto: que público? Um público que é muito mais idealizado do que atuante na corporeidade do real. Em um país, onde a diversidade cultural é visível nas ruas da cidade. Onde os padrões visuais, corporais se misturam em sujeitos de tamanhos, tonalidades de pele, texturas de cabelos, colorações dos olhos, formas e linhas imersos em possíveis diversidades.

Me questiono como são encomendadas ainda imagens cotidianas de representações que se deslocam de nossas vidas reais para idealizar uma imagem e uma estética que está apenas

no campo das ideias. Uma ideia ainda romantizada do ser humano. Um Brasil que se desenha em figuras que não lhe pertencem como identidades das ruas da cidade, como a cultura local. Esta imagem idealizada ilustra diretamente uma origem de historicidade de valores que desloca o olhar do humano para uma idealização da identidade. O histórico da História da Arte ainda nos representa como colonizados, com um olhar da estética e da cultura, que nos desloca de nós mesmos, de nossos conflitos cotidianos e internos, de nossas potências. Para alimentar então uma idealização estereotipada fora, que mantém sua hegemonia dos tempos coloniais.

Considerações Finais

Refletir questões de pertencimento e de identidade nas imagens que produzo é um desafio para reposicionar e questionar de onde vieram os valores que determinam a minha relação com os contextos ao qual pertenço. É um projeto que tem seu desafio na crítica de perceber que, como artista visual sou responsável também pela comunicação que compartilho com meu contexto social.

Este projeto terá sua continuidade na pesquisa de mestrado que desenvolvo no Programa de Pós Graduação em Arte e Cultura Visual na FAV-UFG. E contará com contribuições e compartilhamento com demais colaboradores – artistas visuais - da pesquisa de campo. O que pretende dar espaço a mais vozes criadoras e seus olhares culturais e sociais, considerando suas maneiras de construir e problematizar imagens. Vejo também a possibilidade de compartilhar anseios com outros desenhistas e diretores sobre posicionalidade de histórias de vida na elaboração de identidades visuais. São questões que não se concluem na pesquisa, mas que pretendem a partir dos objetos dela, gerarem exercício de flexibilidade e argumentações para diversos profissionais da área.

Afinal, pensar criticamente as imagens (MARTINS, 2007) é navegar por potencialidades das práticas sociais, culturais e institucionais de significados. Ainda é, derrubar barreiras conceituais dogmaticamente construídas no Ocidente.

Referências

CHARRÉU, L. Testemunhas da Iconosfera: sobre o poder e o impacto das imagens globais numa educação artística baseada na cultura visual. In: MARTINS, R; TOURINHO, I. (Orgs.). **Culturas das Imagens: desafios para a arte e para a educação**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2016, p. 275-293.

FLUSSER, V. **Filosofia da Caixa Preta** – Ensaios para uma futura filosofia da fotografia. 1ª edição, São Paulo: Editora AnnaBlume, 2011.

MARTINS, Alice Fátima. Arena Aberta de Combates, também alcunhada de Cultura Visual...- anotações para uma aula de metodologia de pesquisa -. In: MARTINS, R; TOURINHO, I. (Orgs.). **Culturas das Imagens: desafios para a arte e para a educação**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2016, p. 177-199.

MARTINS, R. A cultura visual e a construção social da arte, da imagem e das práticas do ver. In: OLIVEIRA, M. (Org.). **Arte, Educação e Cultura**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2007, p.19-40.

MITCHELL, W.J.T. Mostrar o ver: Uma crítica à cultura visual. **Interin**, vol. 1, núm. 1, Curitiba – PR, 2006, p. 1-20.

PASSEGGI, M. da C. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. In: PASSEGGI, M. da C; SILVA, V. B. (Orgs.). **Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, p. 102-130.

Minicurrículo

Mariana Magri Rodrigues

Mestranda no Programa de Pós Graduação em Arte e Cultura Visual na FAV-UFG. Com formação em Artes Visuais Licenciatura pela Faculdade de Artes da UFG em 2013 e especialização em Inovação em Mídias Interativas pelo Media Lab UFG em 2018. Atuação na área de produção cultural e fotografia de teatro e direção de arte de projetos gráficos como profissional liberal. Professora de Yoga.

